

PODER

Encerramento da caminhada de Nikolas mostra que os políticos apoiadores do ex-presidente têm capacidade de arrastar multidões

Extrema-direita mobilizada

Ed Alves/CB/D.A Press

» VINICIUS DORIA
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O ato convocado pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) no Eixo Monumental foi um evento do bolsonarismo "raiz". Mobilizados pelas redes sociais, muitos manifestantes chegaram cedo à Praça do Cruzeiro, ponto mais alto da capital federal, mas encontraram uma estrutura desparêtrada para receber tanta gente. O carro de som, por exemplo, era uma acanhada caminhonete, equipada com caixas de som de pouca potência para serem usadas em um descampado como o gramado central do Eixo Monumental.

O roteiro estava pronto. A passeata foi reiniciada, ontem, às 8h30, na altura do Park Way, para ser finalizada na Praça do Cruzeiro, por volta das 14h. Até lá, lideranças políticas de direita se revezariam ao microfone para aquecer uma multidão vestida de verde e amarelo. O ato final seria um apoteótico discurso do organizador do protesto. Mas, no meio do caminho, veio a chuva. E não foi uma chuva qualquer. Foi um temporal intenso, com relâmpagos, trovões e vento forte, que acabou dividindo o ato em dois momentos: antes e depois do aguaceiro.

Para os bolsonaristas, todos os caminhos levavam ao Eixo Monumental. Teve gente que foi a pé, de bicicleta, patins e até a cavalo. Grupos de motociclistas ligados ao bolsonarismo também se fizeram presentes. Com muitas vias bloqueadas pela Polícia Militar, o trânsito no Plano Piloto deu nó. Carros e ônibus de turismo que trouxeram manifestantes de outros estados usaram as ruas e avenidas do Sudoeste, do Cruzeiro e do Setor Militar Urbano como estacionamento, já que o acesso à área do evento estava totalmente fechado para o tráfego de veículos.

Entre a quadra 500 e o Setor de Oficinas do bairro do Sudoeste, a reportagem do **Correio** contou



Nikolas discursa para a multidão na Praça do Cruzeiro. Ato final da marcha confirma que os bolsonaristas ainda têm poder de aglutinação

seis ônibus estacionados, vindos de Caldas Novas (GO), Uberaba (MG) e Ribeirão Preto (SP). Os motoristas não informaram quem fretou os ônibus, que viajaram lotados. Um deles, que pediu para não ser identificado, disse que não houve cobrança de passagem, mas não soube informar quem contratou o serviço.

No auge da tempestade, vários passageiros retornaram aos ônibus em busca de abrigo por

causa dos relâmpagos, que assustaram muita gente. A maioria nem ficou sabendo, na hora, da descarga elétrica que atingiu a praça e feriu mais de 30 pessoas que acompanhavam a manifestação. Muito material levado pelos vendedores ambulantes estragou, como camisetas e bandeiras do Brasil, que tiveram de ser retiradas às pressas dos vãos em que eram expostas. Uma vendedora de cachorro-quente

perdeu todo o estoque de pães que havia levado.

Congestionamento na terra, congestionamento também no ar. Pelo menos 12 drones sobrevoaram o carro de som na hora do discurso de Nikolas. Acima deles, três helicópteros das corporações policiais acompanharam a manifestação do alto. Completando o cenário, uma pipa carregava uma faixa pedindo "Anistia já" para os condenados pelo 8 de Janeiro.

"Bolsonarismo raiz"

Um detalhe chamou a atenção da equipe do **Correio**: não havia nenhum cartaz ou faixa pedindo intervenção militar no governo, como costumava aparecer em atos bolsonaristas pelo país. A maioria dos slogans estampados em faixas e camisas ostentava palavras de ordem como "Acorda Brasil" ou "O gigante acordou". O vereador carioca Carlos Bolsonaro (PL) — o único

representante da família do ex-presidente no evento — estava vestido com uma camiseta branca com a frase "Bolsonaro free" (livre, em inglês). A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, uma das atrações mais esperadas, não apareceu.

A ala mais radical do bolsonarismo estava lá, tirando selfies, gravando vídeos e cumprimentando apoiadores. Políticos como a deputada federal Bia Kicis (PL-DF) e seus colegas de bancada Delegado Caveira (PL-PA), Hélio Lopes (PL-RJ), Carlos Jordy (PL-RJ) e Zé Trovão (PL-SC), além do senador capixaba Magno Malta (PL) — que se recuperou de uma cirurgia e percorreu alguns trechos da caminhada de Nikolas em cadeira de rodas.

No carro de som, Nikolas defendeu as comissões parlamentares de inquérito (CPIs) para apurar fraudes no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e nas operações do Banco Master. E cobrou o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União), sobre a investigação das fraudes da instituição de Daniel Votorac.

"Estamos aqui para pressionar uma pessoa que tem sido omisa neste país. Chama-se Alcolumbre. Queremos a instalação da CPMI do Banco Master. Vou incomodar o senhor", provocou o deputado, antes de convocar um coro contra o presidente do Congresso.

Nikolas também falou da necessidade de a direita olhar para o Nordeste, região que ainda é reduto eleitoral petista. "E aqui eu sei que chega na eleição, tem muita gente que guarda um sentimento, né, contra o Norte, contra o Nordeste. Mas posso falar algo para vocês, se o PT chegou lá e manipulou essas pessoas, é porque nós não conseguimos chegar perto delas para poder levar a verdade. O Nordeste vai ser livre", pregou.

Nenhum político, além de Nikolas, discursou. Não havia, sequer, espaço para eles em cima do carro de som. Ficaram todos no asfalto molhado, em clima de confraternização com os eleitores. E só depois do ato terminado é que foram informados por assessores sobre o acidente provocado por uma descarga elétrica.

Fotos: Vinícius Doria/CB/D.A Press



Dos filhos de Bolsonaro, apenas Carlos compareceu ao ato pós-marcha



Senador Magno Malta (PL-ES) se juntou a Nikolas ainda na caminhada



Deputado Zé Trovão (PL-SC) aproveitou para fazer selfies com apoiadores

Sai "intervenção militar já", entra "CPMI do Master"

» DENISE ROTHENBURG

Os bolsonaristas abrem, oficialmente, o ano eleitoral de 2026 com um discurso repaginado. No principal ato que realizaram este ano em Brasília, puxados pela caminhada do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), as faixas "Intervenção militar já" e "Fora STF", que dominavam a pauta no passado, foram substituídas. A ordem entre eles traz algumas pautas que vêm desde o ano passado, como "Liberdade para Bolsonaro", "Anistia já" e, na manifestação de ontem, foi acrescentada a "CPMI do Banco Master" e o "chega de corrupção" com

citações à CPMI do INSS. Com a volta dos trabalhos do Congresso, na semana que vem, é por aí que eles pretendem caminhar.

Essa modulação do discurso não significa que deixarão de lado a guerra aberta contra o Supremo Tribunal Federal.

Os pedidos de impeachment, em especial, do ministro Alexandre de Moraes, continuarão em alta no grupo mais afinado com o ex-presidente Jair Bolsonaro. Aliás, os parlamentares bolsonaristas vinham sendo muito cobrados nas redes sociais, acusados de abandonarem o ex-presidente à própria sorte. Especialmente, depois que a bancada não

teve força para aprovar uma anistia e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vetou a dosimetria das penas dos condenados por tentativa de golpe e participação no quebra-quebra das sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

Assim como os petistas não abandonaram Lula, preso em 2018, os bolsonaristas querem deixar clara que não abandonaram seu líder. Renovado esse apoio, uma das prioridades dos aliados do ex-presidente será a derrubada do voto à dosimetria das penas, sem deixar de pontuar discursos com loas à anistia. E, de quebra, a defesa da instalação da CPMI do Banco

Master. "Voltaremos renovados por essa manifestação e com respaldo popular para essas pautas", comentou a deputada Bia Kicis (PL-DF), pré-candidata ao Senado e defensora da CPMI. O PL pretende apresentá-la e também a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro ao Senado, uma dobradinha que certamente dificultará a parceria com o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB) — que anunciou, no ano passado, a saída do GDF para concorrer a uma vaga de senador e espera ter o apoio do PL. Porém, isso não está assegurado.

A ideia de repaginar o ato e tirar referências extremistas foi proposital.

A ordem, agora, é não fazer qualquer gesto que possa ser interpretado como rompimento da ordem institucional, de forma a não dificultar uma possível prisão domiciliar do ex-presidente, detido na Papudinha. A prioridade da família, neste momento, é conseguir a volta para casa.

O ato, aliás, não só deu novo ânimo

à bancada do PL para as ações no Congresso, como, também, foi um alento aos filhos do ex-presidente. Até aqui, 01, 02 e 03 vêm sendo acusados de trabalharem apenas para defender a própria pele, ou seja, as próprias candidaturas. No caso do senador Flávio (PL-RJ), o 01, persistia um certo desconforto,

porque o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), era considerado o candidato mais palatável. O ato mostrou que, mesmo sem estar presente, Flávio tem apoio. Ele e o ex-deputado Eduardo, o 03 — que continua autoexilado nos Estados Unidos, estão em Israel.

O único que compareceu à manifestação foi o ex-vereador Carlos, o 02, pré-candidato ao Senado em Santa Catarina. Ele fez uma oração com Michelle, logo cedo, antes da caminhada até a Praça do Cruzeiro. A ex-primeira-dama justificou que precisava voltar para casa, a fim de preparar o almoço que leva, quase todos os dias, para o marido na Papudinha.